



Maurício

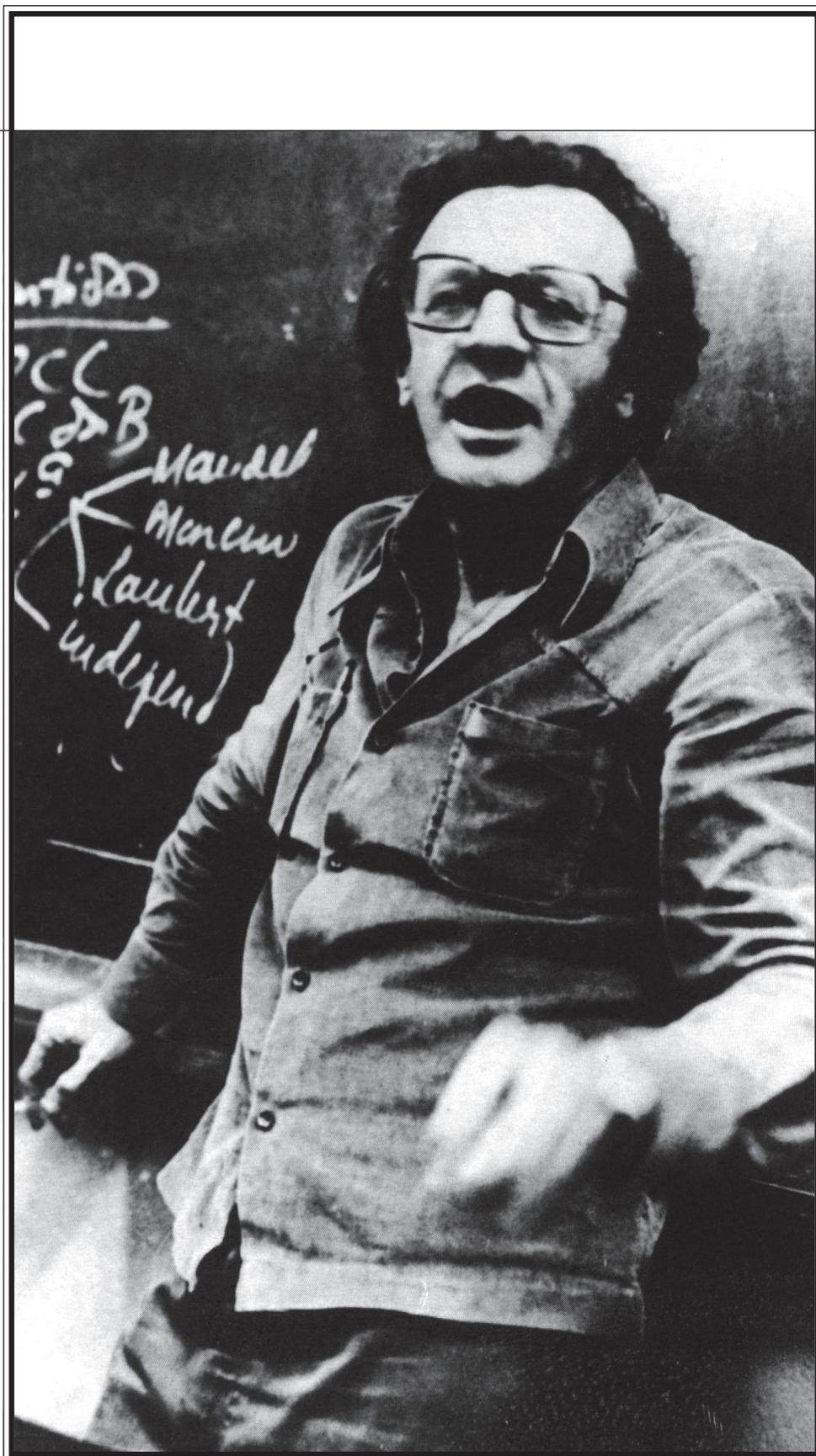
Mestre e companheiro

ROBERTO HELOANI

a origem deste *Mauricio Tragtenberg – Uma Vida para as Ciências Humanas* é a jornada homônima que ocorreu na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Marília, entre

27 e 28 de agosto de 1999. O evento contou não só com a participação de professores e pesquisadores ligados à academia, como também com a presença de ex-alunos, sindicalistas, artistas, além de representantes dos mais variados setores da sociedade. Como se explica tão vasta e diversificada confluência? Será devida à genialidade e vastíssima cultura deste mestre? À sua capacidade de sintetizar e reinterpretar idéias que vão de Weber a Bakhunin, passando por Marx? Com certeza, tal fato é de suma relevância, mas não explica tudo. O carisma, o humanismo e a profunda solidariedade de Maurício Tragtenberg com certeza também foram determinantes.

Se Maurício se debruçava sobre complexas e alentadas obras clássicas, muitas delas escritas em idiomas estrangeiros, dentre eles o inglês, o francês, o alemão e o italiano, com o mesmo respeito e consideração escrevia para o povo e pelo povo em jornais dirigidos à grande massa de trabalhadores, como o *Noticias Populares*, no qual escreveu por muitos anos uma coluna intitulada “No Batente”.



*Escola de
Sociologia e
Política,
São Paulo,
1981*

ROBERTO HELOANI
é professor da Faculdade
de Educação da Unicamp e
do Departamento de
Administração da
Produção da Faculdade
Getúlio Vargas.

*Mauricio Tragtenberg –
Uma vida para as Ciências
Humanas, de Doris Accioly
e Silva e Sônia Alem
Marrach (orgs.), São Paulo,
Editora Unesp, 2001.*

Fazendo desse espaço em que se expressava duas vezes por semana um instrumento de denúncia, de divulgação das lutas dos trabalhadores, pôde ele sinalizar, em suas palavras, “o que ocorria no interior das empresas, na política sindical e na política em geral”; em linguagem simples, contribuiu para a organização e conscientização do operariado, dando abertura para que o assalariado pudesse manifestar-se e denunciar diversas formas de opressão, através do envio de cartas, folhetos, jornais operários, etc.

Com efeito, nesse jornal popular, Tragtenberg produziu as primeiras análises concernentes à reestruturação produtiva e às decorrentes formas de exploração do operariado, tal como os lendários Círculos de Controle de Qualidade (CCQs). E nessa mesma coluna, como sagaz cronista, observava com desembaraço e ironia as metamorfoses ocorridas naqueles que ascendem ao poder, não hesitando em criticar o operário com ambições políticas:

“A ilusão do peão é que haja governo de peão. Mesmo aquele que foi peão e hoje ingressa em partido político – seja ele PDT ou PT –, se eleito, deixará a fábrica, frequentará o Parlamento, terá que vestir-se de terno, colete e gravata e, às vezes, usar suspensórios. Com os anos, ele esqueceu que foi peão. Numa nova eleição ele se lembra de novo que fora peão, aí põe boné, camiseta e vai pedir votos em porta de fábrica. Porque o maior problema para aquele que foi eleito pela primeira vez é ser reeleito” (NP, 14/11/1982).

Além disso, Maurício colaborou com o jornal *Folha de S. Paulo*, direcionado a outro tipo de leitor, mais culto e informado, fazendo história com artigos em que divertidamente colocava Weber e Maquiavel, redivivos, respondendo às suas perguntas, como repórter, sobre o cotidiano da realidade brasileira.

Ainda como colaborador da *Folha de S. Paulo* e de *O São Paulo*, Maurício soube mostrar que o compromisso com a ética deve estar acima de questões raciais ou de

interesses pessoais. Embora de ascendência judaica, sempre soube reconhecer a necessidade da criação de um Estado palestino: “[...] Da mesma maneira que defendemos o direito de Israel subsistir como Estado, defendemos o direito dos palestinos construírem seu Estado [...]” (*O São Paulo*, 19/7/1982). Ou ainda: “[...] O fato é que, se sob o nazismo houve o holocausto judaico, isso não justifica haver holocausto de libaneses, drusos, palestinos. O terrorismo israelita no Líbano, com bombas de bilha, de fragmentação, de fósforo de nada contribui para manter a tradição humanística judaica” (*FSP*, 21/9/1982).

É esta figura humana de importância ímpar o centro de reflexão dessa obra singular. Como explicitam suas organizadoras Doris Accioly e Silva e Sônia Alem Marrach, o livro divide-se em três partes: a primeira trata das memórias dos que conviveram com “Maurício”, como ele gostava de ser chamado, desde a época de juventude até seu reconhecimento como intelectual, segundo ele, o melhor período de sua vida; a segunda aborda a influência desse pensador, que, num enfoque multidisciplinar, conseguiu alinhar pensamentos complexos e, por vezes, conflitantes, com rigor acadêmico aliado à sua concepção heterodoxa de mundo; a terceira ilustra uma de suas faces mais relevantes, qual seja, a sua enorme capacidade de empatia e solidariedade – todos os que tiveram o privilégio de sua convivência puderam atestá-la, desde professores, como ele, altamente qualificados, até alunos ou mesmo trabalhadores braçais.

Dentro dos campos em que Tragtenberg se debruçou – política, educação e sociologia –, sempre dentro de uma abordagem histórica e heterodoxa, professores, pesquisadores, sindicalistas e artistas, que tão bem o conheceram, produziram textos notáveis em atitude de homenagem póstuma a quem tanto admiraram e admiram e que permanece tão vivo em suas lembranças. Justamente a última frase do livro parece sintetizar o desejo de todos: “Companheiro Maurício Tragtenberg, você está presente!”. O conjunto de autores dos artigos desse livro, fazendo-se presente, revive Mau-

rício, fazendo-o generosamente presente, em uma luta perene e incansável por um mundo melhor, em que democracia direta, autonomia, solidariedade, auto-organização e, sobretudo, liberdade, sejam as palavras de ordem.

Autodidata, Tragtenberg freqüentou quando jovem a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na cidade de São Paulo, todas as manhãs e noites – trabalhava das 12 às 18 horas. Como o próprio Antonio Candido coloca nessa obra, era aplicadíssimo e, mesmo não tendo o curso secundário, pôde redigir um bom trabalho sobre racionalização burocrática, permeado de conceitos de Max Weber, o que lhe permitiu ingressar na faculdade de Ciências Sociais da USP, que freqüentou com distinção.

No entanto, não sorveu somente os conhecimentos da academia. Anteriormente, na década de 50, como bem coloca Lélia Abramo, entrou em contato com vários membros da família dessa atriz, em sua maioria intelectuais de esquerda, que possuíam uma biblioteca que ele prazerosamente freqüentava aos domingos, compartilhando suas inquietações e preocupações sociopolíticas.

Seu trabalho de maior fôlego, *Burocracia e Ideologia*, foi apresentado como tese de doutorado na USP. Nele Maurício delineia um amplo painel histórico-crítico da dominação burocrática. Fortemente fundamentado em clássicos, sobretudo em Weber, Marx e Hegel, fez uma acurada crítica à burocracia em suas várias vertentes. Partindo de seu aparecimento no modo de produção asiático da China, Índia e Egito, passa pelas formas capitalistas de organização do trabalho, efetuando uma crítica contundente a Taylor, Mayo e Ford, não poupando sequer o modelo japonês (toyotismo ou ohnismo). E não omite que a burocracia também está presente na sociedade soviética, dentro de um “coletivismo burocrático” em que “detém coletivamente a propriedade dos meios de produção e o monopólio do poder político”, num processo em que “o proletariado não participa da direção da produção” por estar “relegado às funções de pura execução”. Foi, as-

sim, um dos primeiros intelectuais brasileiros a romper com as ortodoxias marxistas, compreendendo-as também como fonte de opressão, sem jamais deixar de lado a leitura de Marx como base de um pensamento dialético.

Tragtenberg faz, assim, uma profunda conexão entre pensadores clássicos, visando à criação de uma sociedade libertária, característica do anarquismo, em que o trabalhador, pela ruptura da alienação, pudesse verdadeiramente participar de sua trajetória histórica.

Encarando a ciência como um compromisso ético, já que através dela poder-se-ia almejar a transformação do mundo, Maurício era impiedoso quando se tratava de injustiças ou inverdades, fossem estas cometidas pela “direita” ou pela “esquerda”, esta última sendo a categoria ideológica em que melhor se enquadrava. Nunca assumia postura partidária, talvez pelo desejo de manter-se absolutamente autônomo em seu pensamento, liberdade esta tão valorizada por ele.

Liberdade sempre ligada à responsabilidade social dos professores e pesquisadores universitários. Como ele bem coloca, “a não preocupação com as finalidades sociais do conhecimento produzido se constitui em fator de ‘delinqüência acadêmica’ ou da traição do intelectual” (“Sobre Educação, Política e Sindicalismo”, p. 14).

Ensinando a ensinar, ensinava a ler, a pensar e selecionar obras, unindo com coerência o tema nuclear de sua obra à atitude essencial de sua vida: a desmistificação do poder, a recusa do poder. Configura-se assim em uma “singularidade atípica”, termo de Max Weber que muito apreciava. Por entender que as teorias são sempre perspectivas parciais, decorrendo da prática social dos indivíduos, afirmava que “não há nada mais desastroso do que ser leitor de um único teórico”, considerando bem-vinda a ironia de Machado de Assis: “a realidade é uma só, a retina é que varia”.

Homem que não gostava de homenagens, tornou-as inevitáveis por sua estatura ética e intelectual, como tão bem atestam os artigos reunidos nessa obra.